

O LIVRINHO DAS MOÇAS

Francisco de Paula Brito



Francisco de Paula Brito

O LIVRINHO DAS MOÇAS



Paula Brito, Francisco de, 1809-1861.

O livrinho das moças / Francisco de Paula Brito. –
1ª ed. – CDP, 2024.
79 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-91437-5

1. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção.

CDD-869.91

O LIVRINHO DAS MOÇAS

Copyright © 2024 OBRA EM DOMÍNIO PÚBLICO

CDP – Coleção Domínio Público

Projeto de capa: *Gabriel Lavarini*.

Edição e revisão: *Warley Matias de Souza*.

Logotipo: *Marcocuel*.

SUMÁRIO

| | |
|----|---------------------------|
| 7 | Coleção Domínio Público |
| 8 | O autor |
| 9 | A obra |
| 10 | Soneto I |
| 11 | Soneto II |
| 12 | É tarde!... |
| 14 | Soneto III |
| 15 | Mote |
| 16 | A moda dos homens em 1828 |
| 17 | A lira de amor |
| 19 | A ilusão |
| 20 | Écloga |
| 26 | Soneto V |
| 27 | Melancolia |
| 29 | Desejo |
| 32 | Não te digo |
| 34 | Epigramas |
| 35 | O meu nome |
| 38 | Passatempo |
| 41 | Petição |
| 43 | A sempre-viva |
| 48 | Lembrança |
| 50 | O doutor |
| 53 | A discrição |
| 55 | O entrudo |
| 63 | Oitavas |
| 68 | Exemplos de amor |
| 71 | Amor como Deus manda |
| 75 | Lundu da marrequinha |
| 77 | Ponto-final |

COLEÇÃO DOMÍNIO PÚBLICO

Sem fins lucrativos, o projeto CDP (Coleção Domínio Público) tem o objetivo de resgatar escritores e escritoras do passado, esquecidos(as), pouco divulgados(as) ou atualmente não publicados(as).

Para a impressão e venda do livro físico, utilizamos uma plataforma de autopublicação. Não obtemos nenhum lucro relacionado à venda de livros lançados com o selo CDP. O valor pago pelo(a) leitor(a) que prefere ter o livro físico em vez do digital, está relacionado aos custos da plataforma.

Além da possibilidade de comprar o livro físico, o(a) leitor(a) tem a opção de baixar e ler o arquivo digital de forma gratuita. Assim, os *links* tanto para a compra quanto para o *download* dos livros estão disponíveis no *site* do projeto CDP (Coleção Domínio Público).

Em relação aos critérios de seleção das obras, para nós basta que as mesmas estejam em domínio público e que os(as) autores(as) sejam desconhecidos(as) ou pouco conhecidos(as) pelo grande público leitor.

Quanto à qualidade das obras, cabe ao(à) leitor(a) julgar. A nossa função é disponibilizá-las, com qualidade de diagramação e revisão, e não deixar que tais artistas sejam esquecidos(as) definitivamente.

O AUTOR¹

Francisco de Paula Brito nasceu em 2 de dezembro de 1809, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho de um carpinteiro. Em 1815, a família se mudou para o distrito de Suruí. O poeta não frequentou escola, mas foi alfabetizado pela sua irmã mais velha — Ana Angélica das Chagas.

Em 1824, Paula Brito voltou a morar no Rio de Janeiro, em companhia de seu avô materno, que era militar. Ali, o escritor trabalhou, por pouco tempo, em uma farmácia. Em seguida, passou a trabalhar em tipografias. Mais tarde, em 1830, casou-se, em Itaboraí, com Bufina Rodrigues da Costa.

No ano seguinte, comprou, de um primo, uma loja de encadernação, que logo se transformou em uma tipografia, no Rio de Janeiro. Já em 1836, criou o jornal *A Mulher do Simplicio*, que durou pouco mais de oito anos. E, em 1849, o jornal *Marmota na Corte*, ou *Marmota Fluminense* a partir de 1852.

Esse autor negro da literatura brasileira faleceu em 15 de dezembro de 1861. E foi bastante conhecido e respeitado em seu tempo, mais como empreendedor do que como escritor, apesar de seu talento literário.

A OBRA

A poesia de Paula Brito foi produzida durante o Romantismo brasileiro. Apesar de o autor ser da mesma geração de Gonçalves de Magalhães (introdutor do Romantismo no Brasil), sua poesia não possui o nacionalismo da primeira geração romântica. Mas apresenta a ironia da segunda geração e a quebra de idealização da terceira geração romântica.

No mais, a presente edição é originária da publicação referenciada a seguir: PAULA BRITO, Francisco de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Tipografia Paula Brito, 1863.

SONETO I

O puro amor nascido da amizade,
Quando intenso domina o peito humano,
É mil vezes mais forte, é mais tirano
Do que aquele, a quem gera a novidade;

Estudando na prática a verdade,
Não teme os males que produz o engano;
Sem que o combata da incerteza o dano,
Entrega-se aos impulsos da vontade!

Não é assim aquele, cuja chama
Nasce da vista num feliz momento,
Pois menos dura, quanto mais se inflama!

Oh! gostosa ilusão do pensamento!...
Feliz quem sofre a dor!... feliz quem ama,
Embora seja eterno o sofrimento!

SONETO II

Lutas de balde, coração queixoso,
Ferido do agulhão do pensamento;
Me diz um natural pressentimento
Que não nasceste para ser ditoso!

Do bem por quem te matas desejoso,
Teu prazer é teu próprio sofrimento;
A esperança é teu único alimento,
Esse do ser moral gozar penoso!

Havendo para amor igual medida,
Nos mostra o mundo que a paixão mais forte
Não é sempre a mais bem correspondida!

Traz o que nasce já consigo a sorte!...
O bem, que às vezes faz de um peito a vida,
Causa outras vezes de outro peito a morte!

É TARDE!...

Lembram-te os dias felizes
Em que meu crédulo peito
Te jurou de amor o voto,
Que foi por ti logo aceito?

Oh! quanto prazer te deu
Meu coração inflamado!
(Jamais objeto infiel
Foi mais ternamente amado!)

O tempo tornou-me falsa,
E o tempo me consolou;
Amor, que foi obra tua
Pra sempre de nós voou!...

Esse tempo de venturas
Deixa, pois, de recordar-me;
Vê que eterno é meu silêncio;
Cessa enfim de procurar-me...

Por que me foste infiel,
Se o meu amor te convinha?
Nutres em vão a esperança
Que ainda tens de ser minha.

Perdi a credulidade,
Que tão cativo me fez;
Para quem ama é bastante
Ser enganado uma vez.

O véu da ilusão se rompe,
E mostra a realidade;
Mas nunca, depois de roto,
Torna a encobrir a verdade.

Me dizes que de amor puro
Teu peito entre as chamas arde,
Me enganaste muito cedo;
Para crer-te, agora — *é tarde!*

SONETO III

Não quisera as grandezas suntuosas,
Nem da corte o fantástico ornamento
Muito poder e muito luzimento,
Grandes vergéis em quintas deleitosas!...

Não quisera as deidades melindrosas,
Que brilham como espelho ao sol violento,
Porque nessas qualquer merecimento
Tem o primor e a duração das rosas!...

Não quisera dos grandes o conceito,
Nem a glória em mil cantos espalhada,
Quando eles jazem já no eterno leito!...

Quisera, sim, que a boca anacarada
De um ente a quem eu amo e a quem respeito
Me dissesse uma vez — sou tua amada!

MOTE

“Feliz quem junto a ti por ti suspira!”

SONETO IV

Eu quisera encontrar uma donzela
Que somente por mim se apaixonasse,
Que dia e noite só em mim pensasse
Ao ver-me noite e dia a pensar nela!

Embora com primor não fosse bela,
Quisera que extremosa me afagasse;
Que de mim nunca os olhos apartasse,
Eu quisera encontrar uma donzela!

Se eu achasse uma assim; se assim houvesse
Mulher de arrebatat de um vate a lira,
Que ditoso no mundo me fizesse;

Tudo o que pode amor, e o gênio inspira,
Lhe dera, se uma vez só me dissesse:
“Feliz quem junto a ti por ti suspira.”

A MODA DOS HOMENS EM 1828

Grossos bucles armados no cabelo,
Chapéus de finas abas enroladas,
Camisas de aberturas enfeitadas,
Calças largas no fino tornozelo;

Casacas, que de caudas são modelo,
Sapatos sem tacão, meias rajadas;
Bengalinhas de junco encastoadas
De um cãozinho, de um'ave, ou de um camelo:

De amarelo metal grandes botões,
Hoje tem entre nós muito exercício,
Era fofos peitos, que usam toleirões.

Mil graças sejam dadas ao *Simplicio*²,
Que, com suas frequentes mangações,
Censura as modas e combate os vícios.

A LIRA DE AMOR

A sorte do vate
Ninguém a prefira,
Se amor não lhe afina
As cordas da lira.

Dirceu, que nascera
Com estro tão dino,
Sem sua *Marília*
Não fora divino.

Garção foi nos fastos
Da história esculpido,
Cantando os amores
E a morte de *Dido!*

A glória de *Tasso*,
Que o mundo hoje preza,
São ternos amores
Da amante *Princesa*.

Da bela *Ataíde*
Fatais impressões
Soltaram as cordas
Da lira a *Camões!*

Ou seja inflamado
De amor pelas belas,
Ou cante seus feitos,
A glória vem delas.

Cantar a virtude,
Cantar o valor,
É timbre que exalta
A Lira de Amor.

A ILUSÃO

*Mortais, que sujeitos
Estais à paixão,
Tomai meu conselho,
Fugi da ilusão!*

O avaro desejo
Mil vezes se ilude,
Julgando ver manchas
No céu da virtude!

Mortais, que sujeitos, etc.

Amor, muitas vezes,
Na alheia aparência,
Se mostra culpado,
E é todo inocência!

Mortais, que sujeitos, etc.

Nas flores se oculta
O inseto pequeno,
Que fere, e que deixa
Nas mãos o veneno!

Mortais, que sujeitos, etc.

ÉCLOGA

Ontem Niceta,
Só, passeava
Por entre o bosque,
Que fresco estava.

Logo, imprudente,
No mesmo instante,
Canta sonora,
Com voz tocante,

Canções fictícias
Com vivo ardor,
Contra o tirano
Travesso — Amor:

Amor, travesso,
Que deve um dia
Feliz torná-la,
Dar-lhe alegria!

Eu, que avistei-a,
Silencioso,
Chego-me à bela,
Mas cauteloso;

Paro, e sobre ela
Em chusma lanço
Todas as flores,
Que perto alcanço.

Salve, prodígio
Da natureza!
Não te intimide
Minha surpresa.

Teu canto ouvindo,
Ó minha bela!
Julguei que fosse
Da Filomela.

Como a avezinha,
Tu cadenceias,
E ao passageiro
Terna recreias.

(Junto a um regato
Meiga assentou-se,
E duas vezes
N'água espelhou-se);

Melhor farias
Se, pouco asinha,

Também amasses
Como a avezinha!

Sou muito jovem
(Diz-me Niceta),
Para que sofra
De amor a seta.

Quatorze anos
Não são bastantes:
É pouca idade
Para os amantes.

Ah! crê-me, ó bela
(Torno a falar):
Quem tem meiguices
Já pode amar.

De amor o encanto,
Seu terno agrado,
Nascem conosco:
São leis do — Fado:

São a partilha
Da mocidade,
Dever e força
Da tenra idade.

Sim (tornou-me ela);
Mas nesses anos
São sempre os homens
Nossos tiranos;

Sempre encantados
Dos nossos rostos,
Volúveis, todos
Mudam de gostos.

De bela e jovem,
Com garbo em si,
Mais duas vezes
Meiga se ri.

O beija-flor
Que a rosa bela
Avista, logo
Pousa sobre ela;

Mal goza a essência
De seus primores,
Voa, e buscando
Vai outras flores...

E a flor seus danos

Entra a sentir,
Sem da roseira
Poder sair;

Sem que ao amante
Possa estorvar,
Pois não tem asas
Para voar.³

.....
.....
.....
.....

Assim Niceta,
Isto dizendo,
Por entre o bosque
Foi-se escondendo.

Já quando longe
Ia fugindo,
Então, mui alto,
Disse sorrindo:

*Mulher que de homem
Quiser fugir,
Não dé resposta*

A quanto ouvir.

— Santa verdade
Reluz aqui
Nos doces versos
Que fez *Parry*. —

SONETO V

Não creio na mulher que, noite e dia,
Diz que vive por mim apaixonada;
Que traz a minha mão sempre apertada,
E, brincando, faz mais do que devia;

Que de todos os homens aprecia
As obras e o valor entusiasmada;
Mas dos zelos de amor nunca tocada,
Entre as outras de mim não desconfia;

Não pode um gênio assim ter persistência;
Em quem toda a impressão faz novidade,
Em tudo a variedade é consequência.

Gosto do amor com mais simplicidade;
A verdade que tem falsa aparência
Faz que a aparência venha a ser verdade.

MELANCOLIA

Fugiu do meu rosto
A doce alegria;
Meu peito é morada
Da — melancolia!

Não vivo gostoso,
Qual dantes vivia;
Sou presa inocente
Da — melancolia!

Um voto tão puro,
Que o céu presidía,
Me trouxe as angústias
Da — melancolia!

Que amor era crime
Eu tal não previa,
Por isso me abismo
Na — melancolia!

De mal tão ferino
O efeito eu temia;
Pois sei como é fera
A — melancolia!

Porém o destino,
Que disso sabia,
Dourou-me a aparência
Da — melancolia!

Quis dar-me um castigo
Que eu não merecia,
Enchendo a minh'alma
De — melancolia!

O Nume, que heroico
Meu estro aprecia,
Me deixa entre as garras
Da — melancolia!

Sé ele o meu mal
Vedar poderia,
Curando-me a chaga
Da — melancolia!

Justiça não peço
Por tal tirania:
Melhor é que eu morra
De — melancolia!

DESEJO

(imitação do francês)

A engraçada Josefina,
Com sua tez bela e fina,
Seu cabelo enegrecido,
Sua graça no falar,
E seu simpático olhar,
O que é que ela quer? — marido.

Inês, toda desdenhosa,
Por parecer virtuosa,
Sempre em império fingido,
Quando diz a todo o instante
— *Eu não quero ter amante:*
O que é que quer ter? — marido.

A Teresinha, que em casa
A família traz em brasa,
Servida em todo o pedido,
Botando dinheiro fora:
Por que se maldiz e chora?
O que lhe falta? — marido.

Trata-se de matrimônio?
Diz Emília: “pois a Antônio,

Pedro, Brás, tenho escolhido;
Lindo, feio, Turco ou Godo,
Com qualquer eu me acomodo:
O que quero é ter — marido”.

Por que causa a Carolina
Toda se aperta e se afina,
Sempre com lindo vestido
E com gosto em tudo raro?...
Ora, leitor, está claro,
O que ela quer é — marido.

O que quer a Joanhinha,
Em casa toda santinha,
Qual pecador convertido?...
Mas quando a passeio sai
Bem-vestida sempre vai...
Ora, o que quer?... quer — marido.

Não é de balde que a Aninha
Morre por comer galinha,
E que o doutor mais sabido
Co’ a moléstia não atina!
Ela não quer medicina:
O que ela quer é — marido.

O que quer a Fortunata,

Que, por ser feia, se mata
Nas contendias de Cupido,
E por bailes e concertos
Anda metida em apertos?
Claro está que quer — marido.

Reparem na Mariquinha,
Hoje sempre enfeitadinha,
Mudando só de vestido,
Falando em cheiros e flores,
Sempre pensando em amores:
Para quê? pra ter — marido.

Toda a moça, feia ou bela,
O amante deve ter nela
Muita cautela e sentido;
É mui rara a que é constante:
Nunca se escolhe um amante,
Porém se escolhe um — marido.

NÃO TE DIGO

Se eu te dissesse, donzela,
O mal que por ti padeço,
O muito que por ti faço,
O pouco que te mereço...

Se te pudesse mostrar
Aberto o meu coração,
Verias nele os efeitos
Da mais intensa paixão!

Se te fizesse saber
O como a todo o momento
De teus encantos a imagem
Ocupa o meu pensamento!

Se... mas de que me servira
Este quadro apresentar-te,
Se, quando pudesses vê-lo,
Não poderia agradar-te!...

No mundo todas as coisas
Têm mais encanto e valor,
Sendo vistas pelo prisma
De um risonho céu de amor.

Se do meu penar tens pena,
É porque boa tu és,
Porque ver, sem dor, não podes
Gemer um triste a teus pés.

Mas tão orgulhoso eu vivo,
Sentindo o meu coração
Preso de tuas virtudes
Ao poderoso grilhão;

Que, mesmo não sendo amado,
Não podendo amado ser;
De amar a Deus em seus anjos
Nunca me hei de arrepender.

EPIGRAMAS

Se em tua modesta casa
Entrarem certas mantilhas,
Põe tua mulher em guarda,
Em guarda põe tuas filhas.

Dizem que a mulher é falsa
E tem falso coração;
Resta saber se por base
Tem este dito a razão.

Se os homens fossem fiéis
Uns aos outros, não teria
Falsa mulher, se quisesse,
Um falso amante por dia.

Em chamar *falsa* a mulher
Os homens todos implicam:
Se há dessas moedas *falsas*,
São eles que as *falsificam*.

O MEU NUME

Agora, Jove Supremo,
Vedar-me podes teu lume;
Para inflamar o meu estro
Tenho na terra outro Nume.

Oh Musas! negai-me embora
Quanto ao meu verso convém;
Tudo o que dar-me podíeis
Melhor o meu Nume tem.

Se o mais completo retrato
Ditoso eu quiser traçar;
Honra, valor, graças, mimos,
Vou no meu Nume encontrar.

Este Nume, que me encanta,
Soberana Divindade,
Tem por timbre a gratidão,
Tem por divisa a verdade.

Se longos, negros cabelos,
Quiser pintar de uma bela,
Eu vou tirar uma cópia
Dos negros cabelos dela.

Vivos olhos, rosto alegre,
Alva cor, sempre rosada,
E, para animar seu riso,
Composta boca engraçada;

Tudo ela tem tão perfeito,
Que, quem perfeições conhece,
Vê que o primor da beleza
Num só composto aparece!

No peito, onde tem o império
Do seu supremo valor,
Se elevam com majestade
Os dois ministros de amor!

Assim aos olhos que o notam,
Mostra-se ufano e gentil
Peito onde bate tranquilo
Um coração senhoril.

A perfeição do seu todo
Toda a sua compostura,
Dão nova graça ao primor
Da mais delgada cintura.

Enfim, meu Nume é tesouro
De tudo quanto há perfeito;

Mas nenhum voto lhe faço,
Porque mo embarga o respeito.

Fique, pois, no mundo a cópia
De um Nume tão poderoso,
Nume que faz as delícias
De um pensamento amoroso!

PASSATEMPO

Verdades, Marília,
Em que deves crer,
Eu vou te dizer
Tintim por tintim!...
 Feliz de quem goza!
 Coitado de mim!...

O que é este mundo
Há muito que eu sei;
Mas nunca pensei
Que fosse ele assim!...
 Feliz de quem goza!
 Coitado de mim!...

Ditoso me chama
Quem trata comigo;
Ao mundo eu não digo
Que *não*, nem que *sim*.
 Feliz de quem goza!
 Coitado de mim!...

Que ganha o que anda,
Na vida que tem,
Do seu mal ou bem
Tocando o clarim?

Feliz de quem goza!
Coitado de mim!...

Ninguém neste mundo,
Por mais poderoso,
Se conta ditoso
Como um querubim!
Feliz de quem goza!
Coitado de mim!...

Enquanto eu exalo
Suspiros gementes
’Stão outros contentes
No seu palanquim!
Feliz de quem goza!
Coitado de mim!...

O teu desengano
(Alguém me dizia)
Virás algum dia
A tê-lo por fim!
Feliz de quem goza!
Coitado de mim!...

Meus males conheço,
Porém resignado
Estou, que o meu fado,

Marília, é ruim!

Feliz de quem goza!

Coitado de mim!

PETIÇÃO

Pedi a uma moça
Que não me quisesse;
Que, sendo possível,
De mim se esquecesse.

Me disse com a graça
De sua expressão:
“Deixar-te, não posso;
Te amar, também não.

“Sou grata, e não devo
De ti me olvidar;
Se te amo — não sei,
Não posso afirmar.”

Agora me digam
O que hei de fazer:
Se devo inda amá-la,
Se a devo esquecer!...

Se altivo a desprezo,
De ingrato me chama;
Se amante a procuro,
Cruel, me não ama.

Em tais embaraços,
Eu peço ao leitor
Que dê-me um conselho,
Seja ele qual for.

A SEMPRE-VIVA

IMPROVISO ESCRITO AO RECEBER O AUTOR ESTA
ENGRAÇADA FLORZINHA.

Oh tu, SEMPRE-VIVA,
Mimosa florzinha,
Que foste um presente
De D. Chiquinha;
 Estás tão galante,
 Tão viva e tão bela,
 Que vou teus primores
 Pintar com os dela.

Se bem comparados
Aqui ficarão;
Sendo isto improvisado,
Meus versos dirão.
 Em ti meditando,
 E olhando pra ti,
 Foi dela, me lembro,
 Que te recebi.

Não és seu retrato
Nos traços, na cor;
Em D. Chiquinha
Tudo isso é melhor!

Não és seu retrato
Também na aspereza:
Tem D. Chiquinha
Mais grata a beleza.

Não és seu retrato
No que em ti varia,
Que és uma de noite
E és outra de dia.
 E D. Chiquinha,
 Mudável assim,
 De dia e de noite,
 Não é, quanto a mim.

Mas se ela, de noite,
Qual tu se reserva,
Virtudes e dotes
Assim mais conserva.
 De noite é temível
 O audaz roubador:
 Por isso te ocultas,
 Ó cândida flor!

Insanos desejos
De tudo fruir,
Nos homens se exaltam
Da noite ao cair.

De dia, porém,
Do sol ao brilhar
Te mostras, qual és,
Contente a brincar!

E D. Chiquinha
Te toma por guia:
De noite se oculta,
Se mostra de dia.

Tu tens de reserva
As pet'las agudas;
Teu seio a guardar
Com elas ajudas.

Teu seio, que é todo
Macio e mimoso,
De encantos formado
Por dom precioso!...

És nisso uma cópia
De D. Chiquinha:
A paz em seu seio
Suave se aninha.

Se acaso é severa
Nalguma expressão,
É brando e sincero
Seu bom coração!

Tu, flor, te conservas
Sem nunca murchar,
Sem graças e encantos
De ti despojar.

A D. Chiquinha

O mesmo acontece:

Aos olhos mais grata

Co' o tempo aparece.

Benquista de todos,
De todos prezada,
De impuro bafejo
É flor não manchada.

O tempo não murcha

Teu raro primor;

Perpétua existência

Tu tens, bela flor!

Em D. Chiquinha
O tempo também
Não despe o seu rosto
Das graças que tem...

E se ela, qual tu,

Qual eu, afinal,

Sofrer o preceito

Da lei natural;

Com D. Chiquinha
Dos versos na história,
No templo entrarás
Da eterna memória!

Sim, minha flor, tu serás
Da constância a cópia ativa;
Viverás perpetuamente
Sempre a mesma SEMPRE-VIVA!
 Dos castos, puros amores
 O emblema virás a ser,
 Dizendo aos que em ti pegarem:
 — *Hei de amar-te até morrer!*

LEMBRANÇA

Agrados de nhã-Chiquinha.

Há de haver grande parada
Com toda tropa de linha,
Somente pra todos verem
Agrados de nhã-Chiquinha.

Tem⁴ mais valor, são mais doces
Que a mais doce bolachinha,
São feitos de arroz de leite
Agrados de nhã-Chiquinha.

Valem mais que um bom presunto,
Mais do que um queijo de pinha;
São bons pastéis, são de nata,
Agrados de nhã-Chiquinha.

Servem eles muitas vezes
De tempero na cozinha;
Bebidos, também refrescam
Agrados de nhã-Chiquinha.

Cruel fado enganador
Pôs-me no peito uma espinha,
Fazendo que eu não desfrute

Agrados de nhã-Chiquinha.

'Stou pateta, estou perdido:
Vou chorar na camarinha;
No peito me fazem cócegas
Agrados de nhã-Chiquinha.

Não quero saber de primas,
Nem de outra camaradinha;
Quero gozar tão-somente
Agrados de nhã-Chiquinha.

O DOUTOR

(TRADUÇÃO)

É um anjo tutelar
Um *doutor* alegre e esperto,
Cujo tino salutar
De saúde é sinal certo;
 Às moças sabe agradar,
 Que, por acorde louvor,
 Todas querem o *doutor!*

Por elas hábil, contente,
Num dia vê-se, e com arte,
O *doutor* já aqui presente,
O *doutor* já noutra parte.
 Duma cura impertinente,
 Para evitar dano e dor,
 É só bastante o *doutor*.

Se não tem grande ciência
O *doutor*, na pátria afeito,
Tem ao menos a exp'riência
De ser mestre em seu *direito*.
 Sem ser por maledicência,
 Direi que há damas de honor
 Que gostam bem do *doutor*.

O *doutor* louva a brandura
Dos homens, por *profissão*;
E governa com ternura
Das moças o coração.

De Vênus nasce a ventura
Num peito cheio de ardor
Apenas chega o *doutor*.

Sendo amado de uma bela,
Logo um *doutor* pode tudo;
Serve assaz, e à vista dela
Nunca está triste, nem mudo.

A mais sonsa ou tagarela
Mostra logo um belo humor
Mal aparece o *doutor*.

Homens, se amante ternura
Das mulheres pretendeis,
Não o suspiro, a brandura
Nelas convém que empregueis.

Guia-se a alma mais dura
Por um meio vencedor:
A presença do *doutor*.

Velhas, moças, feias, belas,
Ao *doutor* mostram aferro:

Serão fiéis todas elas?...

Todas?... não, que fora um erro...

Diz-se que algumas donzelas

Há que, sem prazer ou dor,

Querem pra tudo o *doutor*.

Não há, não, quem se descarte

De um ser preciso e querido:

É por tudo e em toda parte

O *doutor* introduzido.

Ele as engana com arte,

E as convence com ardor...

Todas cedem ao *doutor*.

Sexo feito para amar,

A quem meus versos ofereço,

Se o louvor vos agradar

Muito favor vos mereço;

Paga não quero esperar;

Só desejo o vosso amor,

Não sendo de algum *doutor*.

A DISCRIÇÃO

(TRADUÇÃO)

Diz certo adágio, que eu gosto,
Que o falar muito aborrece;
Foge do brilho o homem sábio,
E com o estrondo estremece:
Amigos, sejamos cautos;
Folguemos, porém mansinhos;
Gozemos o que pudermos
Com gosto, mas caladinhos.

É regra cristã fazer-se
O bem, que mais se deseja
Co'a mão direita, de modo
Que a mão esquerda não veja.
Os bens feitos sem mistério
São benefícios mesquinhos;
Façamos nossos favores
Com gosto, mas caladinhos.

Márcia em mim teve vontade
De seu amor empregar,
Dizendo que neste mundo
Ninguém vive sem amar.
Achei que não me custava

Dar-lhe em troca os meus carinhos:
Agora já nos amamos
Com gosto, mas caladinhos.

O ENTRUDO

Atire, menina,
Em mim seu limão:
Apague as quenturas
Do meu coração!
 Em troca receba
 No peito amoroso
 Da mão de quem ama
 Um choque gostoso.

Bateu-lhe nos seios?
Não mata essa dor!...
Que ofende uma seta
Por dedos de amor?!...
 O frio gelou-lhe?
 Possível não é:
 Só gelam os peitos
 Em que há pouca fé.

Tão viva, tão bela,
De encantos tão cheia,
Quem brinca contigo,
Meu bem, que receia?
 Não penses que o entrudo
 Se vai acabar:
 Um povo tão manso

Não pode brincar?

Antigas nações,
Que as leis nos traçaram,
Do povo os costumes
Assaz respeitaram.

O jogo do entrudo,
Tão bom como agora,
Té brinca a mais séria,
Mais grave senhora!

Quebrar um limão
Num colo de neve,
Sem ser conhecido,
Meu Deus! quem se atreve?

Pois acham melhor,
A gente, em tumulto,
Tornar-se, com máscara,
Figura de vulto?

Aonde até pode
O escravo insolente
Propor à senhora
Questão indecente?

Aonde o peralta,
Que vê moça bela,
Tem livre o direito

De andar a par dela?

Pois isto é melhor
Que o belo limão
Jogar nas meninas
Faceiras?... pois não!...
 Quem é que não gosta
 Do entrudo inocente,
 Que o corpo refresca
 E o peito da gente!

E sendo a lavagem
Na *febre amarela*
Tão boa, o entrudo
Remédio é pra ela.
 Portanto, a polícia
 Não deve impedir
 Que o povo se cure
 Em se divertir.

A Municipal
Nos disse daria,
Em troca do entrudo
Prazer e folia;
 Porém até hoje
 Deixou-nos a olhar!...
 E quer-se do entrudo

O jogo acabar?

Há nada melhor

Que a gente lavada

Em água de cheiro,

A troco de nada?

Qual é a menina

Que pode jurar

Que nem um limão

Deseja atirar?

Não digo em quem passa;

Nem feito isso à toa⁵;

Mas lá num lugar...

Em certa pessoa...

Atire, menina,

Seu belo limão,

Refresque as quenturas

Do seu coração!

Eu, como sou franco,

Sempre hei de dizer

Que sou pelo entrudo

Capaz de morrer.

Se a moça a quem amo

Me joga um limão,

Eu lambo-me todo,

Me torno um babão...

E fico de gosto
Tão cheio e contente,
Que até nem sentira
Morrer de repente!
 E viva a folia
 Do bom carnaval,
 Que faz as delícias
 Do povo em geral.

Meninas amantes
Tecei-me louvores,
E sobre a *Marmota*⁶
Lançai hoje flores!
 Se nisto me oponho
 Às leis do país,
 Quem faz o que eu faço
 É que hoje é feliz!...

No belo do entrudo
O amante caixeiro
Lá gasta seus cobres
Em águas de cheiro!
 E as moças patuscas,
 Sensíveis, mimosas,
 No entrudo recendem

A essência de rosas!

E até muita gente,
Só pra se lavar
Em água cheirosa,
É que usa brincar!
 O fresco das águas
 Apaga o calor:
 Os cheiros não deixam
 Sentir-se fedor.

As limas do entrudo
Nos deixam dinheiro:
Os lucros dos bailes
Vão para o estrangeiro
 Só trazem namoros
 Tais divertimentos;
 O entrudo mil vezes
 Traz seus casamentos!...

Em moça bonita
Quebrar-se um limão...
Há coisa que cause
Maior sensação?!...
 Da mão de uma bela,
 Que tem-nos amor,
 Que venha um limão

E bata onde for!...

A gente, fingindo
Que foge da seta,
O jeito procura
E nela se espeta!...
 Dá pulos, faz momos...
 Mas fica sentido
 Se algum limãozinho
 No chão cai perdido!...

As autoridades,
Não é sem pesar
Que o jogo do entrudo
Procuram vedar!...
 O nosso monarca
 É fato corrente,
 Que brinca no entrudo
 Feliz e contente!...

Os usos antigos
Quem quer extinguir,
Vem más consequências
Depois a sentir!...
 Não poupe, menina,
 Seu tenro limão;
 Refresque os ardores

Da amante paixão!

1850.

OITAVAS

Dia terrível para mim nascido,
O dia foi da tua despedida;
Meu coração, amante e agradecido,
Sem alentos ficou, ficou sem vida;
Hoje só ouço a dor, ouço o gemido,
O pranto, a confusão, a mágoa, a lida:
A mais dura aflição, maior tormento
Me deixaste no triste apartamento.

Só para te gozar, eu desprezara
Honras, tit'los, mercês, graças, nobreza,
Essa grandeza vã não invejara,
Nem tão pouco os afagos da riqueza;
Tudo quanto possuo boje trocara,
Sem que por perda tal visse a tristeza;
Trocara (se eu tivera) o Paraíso
Por uma leve graça de teu riso.

Acaso a mão do fado, ou do destino,
De pedra o coração me terá dado,
Para não suportar golpe ferino
Da mão do meu destino, ou do meu fado?
Pensativo me vejo e peregrino,
Sem que até do negócio indague o estado;
Choro louco de amor como o mendigo,

Pois só me aliviara o estar contigo.

Se a Fortuna seus cofres me ofertasse,
Me ofertasse com eles seu tesouro;
Se possuir pudesse o que invejasse,
Qual Atlante esfaimado os pomos d'ouro;
Se, enfim, glórias e risos alcançasse,
E da fama o clarim, a palma, o louro,
Se tudo isto eu tivera pra não ver-te,
Tudo deixara para só querer-te.

Não me rouba o amor metal luzente,
Nem o brilho do rijo diamante:
De que valera tudo achar presente
Estando de meus olhos tão distante!
O amor que te consagro lisamente,
É do que a riqueza mais prestante;
Tudo deixo, pois vivo satisfeito
Em ter meu coração dentro em teu peito.

Não nos moveu o gozo do interesse,
Nem tão pouco o rigor, nem a opressão,
Simples estado a sorte nos ofrece,
E as virtudes de puro coração:
Se vejo tanto amor, que te engrandece,
E se diviso em ti tanta paixão,
Como posso deixar de ser amante

Dum coração tão puro e tão constante!

Vejo que com amor me tens pagado,
E com forte paixão que te devora;
Se vejo qual tem sido o teu cuidado,
Que suspiras por mim a toda hora:
Como sentir não devo neste estado,
Em que me pôs a sorte enganadora,
Para não laborar na mesma chama,
Se de amor recompensa, amor reclama?

Tem em mim a paixão poder tão forte,
Que mil vezes correr me faz o pranto;
Só justiça de Amor quer minha sorte
Na sagrada união de Himeneu santo.
Embora da desgraça eu sofra o corte,
Do peso dos trabalhos não me espanto:
Tu me dizes (eu li) sem que eu mereça.
Que queres padecer, quando eu padeça.

Recobra, ó meu amor, perdido alento,
Anima-te no circ'lo da esperança;
Amor nos faz sofrer duro tormento,
De fazer padecer amor não cansa:
Solta os ais, como eu solto, ao brando vento,
Que a perfeita união requer tardança:
Não tragas por amor teu peito aflito,

Que para te adorar só vive — Brito.

Nas férteis plagas Itaboraienses
Suavize o teu mal algum recreio,
Que os generosos peitos Fluminenses
Não se espantam do mal medonho e feio;
Se com risos e ais ao pranto vences,
Mitiga a compaixão por esse meio:
Meu peito tem dobrada resistência
Para sentir somente o mal d'ausência.

Entre amigas fiéis te vês gostosa,
Que alívio podem dar a tuas mágoas;
Não vivas por amor tão pesarosa,
Nem queiras te abrasar em suas fráguas;
Não deixes co'a paixão silenciosa
Verter dos olhos cristalinas águas:
Deve o pranto da dor correr direto,
Quando é firme o amor e falso o objeto.

Eis, formosa Belmira, o que te o'rece
No retiro cruel um peito amante,
Que por um só momento não se esquece
Desse teu coração, que é tão constante.
Hoje só sinto a dor, só me entristece
De teus olhos me ver já tão distante;
Mas ditosa esperança me encaminha:

Mui breve serei teu, — tu serás minha!

EXEMPLOS DE AMOR

Passo os dias entre penas,
Longe do teu lindo rosto,
Só me persegue a tristeza,
Foge de mim todo o gosto.

Às horas que de te ver
Eu tinha contentamento,
A essas horas começa
Meu desabrido tormento.

Enquanto a dura saudade
Não me consome o valor,
Vou mostrar-te em frouxas rimas,
Vivos exemplos de amor.

Morre Leandro afogado
E com ele a infeliz Hero;
Píramo morre por Tisbe,
Eu por ti morrer espero.

Morre Titã por Europa
E Acis por Galateia;
Todos por amor suportam
O rigor da sorte feia.

Pela linda Calíroo
Coreso se assassinou,
Mas depois reconhecida
Ela o suicídio pagou.

Morre Inês pelo consorte
Sobre as margens do Mondego;
Pela Ninfa, a quem amava,
Dáfnis, pastor, foi cego.

Pela incauta Dejanira
Hércules morre abrasado;
Mas esta consorte amante
Fiel acaba a seu lado.

É Deifon por entre as chamas
Por Meganira passado;
Em vez de ser imortal,
Infeliz, morre abrasado!

De Manzolo as frias cinzas
Bebeu a amante Artemisa,
E, neste excesso do amor,
Sua memória eterniza!

Se tantos feitos tocantes
Resumidos vês aqui,

Com este amor que nos liga
Também eu morro por ti.

Por teu coração sincero
Também morre o peito meu;
Não foram esses amantes
Nada melhores do que eu.

Se o amor quer sacrifícios
Eu a eles correrei;
Por um coração fiel
A própria vida darei.

Quando na história contemplo
Inda mais te sei querer;
Por ti prezando a existência,
Só por ti quero morrer.

AMOR COMO DEUS MANDA

“Bebi no astro da glória
A divinal perfeição;
Meu estro recebeu dele
O fogo da inspiração.”

(Anônimas.)

“EU AMO ASSIM.”

Amor é doce
De *bons bacados*,
De que se nutrem
Os namorados.

Numa balança,
Sempre fiel,
Vivem co’ a boca
Sabendo a mel.

Apaixonados
Ardentemente,
Um vive alegre,
Outro contente.

No que um pratique,

No que outro faça,
Encontram juntos
A mesma graça.

Onde o sucesso
Faz um estar,
Procura o outro
Também se achar.

Se o mero acaso
Faz que um se ria,
Nas faces do outro
Brilha a alegria.

Se vivem ambos
Sem liberdade,
Em tudo há neles
Igual vontade.

Quando ele busca
Ferir alguém,
Faz ela o mesmo,
Fere também.

Ambos preferem
A mesma flor,
Nutrem-se ambos

De um só calor.

Do que ele foge,
Ou se desgosta,
Ela, imitando-o,
Também não gosta.

O que um deseja,
Desejam dois;
O que um é antes,
Outro é depois.

O que um pratica
Triste ou contente,
Pratica o outro
Maquinalmente.

De seus prazeres
Sempre egoístas,
A luz evitam
De alheias vistas.

Vive o amante
Por sua bela;
Por seu amado
Vive só ela.

Até do tempo
Nas invasões
Não são diversas
As sensações.

Em toda a parte,
Em todo o ensejo,
Tem duas almas
Um só desejo.

Onde tudo isto
Assim não for,
Não há verdade:
“É falso o amor.”

Vós, que me ouvistes,
Olhai pra mim;
Por Deus o juro:
“*Eu amo assim.*”

LUNDU DA MARREQUINHA⁷

Os olhos namoradores
Da engraçada iaiazinha,
Logo me fazem lembrar
Sua bela marrequinha.

Iaiá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Se dançando à Brasileira
Quebra o corpo a iaiazinha,
Com ela brinca pulando
Sua bela marrequinha.

Iaiá, não teime, etc.

Quem a vê terna e mimosa,
Pequenina e redondinha,
Não diz que conserva presa
Sua bela marrequinha.

Iaiá, não teime, etc.

Nas margens da Caqueirada

Não há só bagre e tainha:
Ali foi que ela criou
Sua bela marrequinha.

Iaiá, não teime, etc.

Tanto tempo sem beber...
Tão jururu... coitadinha!...
Quase que morre de sede
Sua bela marrequinha.

Iaiá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

PONTO-FINAL

LUNDU BRASILEIRO⁸

Tive por certa menina
Uma paixão sem igual,
Que escapou de dar comigo
Dos doidos no hospital;
 Porém agora
 Meu coração
 Pôs na oração
Ponto-final.

Amei com pontos e vírgulas,
Divisões e reticências...
Tiradas as conseqüências
Tudo era artificial!
 Porém agora
 Meu coração
 Pôs na oração
Ponto-final.

O que ela por mim fazia,
Fazia a outros também:
Não ter amor a ninguém
É seu timbre natural;
 Por isso agora

Meu coração
Pôs na oração
Ponto-final.

Notas

¹ MOREIRA DE AZEVEDO. Biografia: Francisco de Paula Brito. *In*: PAULA BRITO, Francisco de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Tipografia Paulo Brito, 1863.

² O *Simplicio* foi o primeiro jornal faceto que apareceu no Rio de Janeiro. Seguiu-se-lhe a *Mulher do Simplicio*, de minha redação. (N. A.)

³ Julguei conveniente suprimir alguma coisa, porque achei o original por demais licencioso. (N. E., 1863)

⁴ Gramaticalmente, deveria ser “têm”. Mas, para não comprometer a métrica, mantivemos “tem”, como no exemplar de 1863. (N. E.)

⁵ No exemplar de 1863, está “atôa”. Mas foi inevitável a mudança, apesar de, possivelmente, comprometer a métrica, já que os versos são redondilhas menores. (N. E.)

⁶ Periódico publicado por Paula Brito durante mais de 10 anos. (N. E., 1863)

⁷ Este lundu foi posto em música pelo Sr. Francisco Manoel da Silva. (N. E., 1863)

⁸ Foi posto em música pelo Sr. J. J. Goiano. (N. E., 1863)